

Folha De S. Paulo

Sábado –24/08/2013

Ilustrada

Autor lembra que preservar não é ser saudosista

FRANCESCA ANGIOLILLO EDITORA-ADJUNTA DA "ILUSTRÍSSIMA"

Falar aos leigos é uma vocação de Carlos A. C. Lemos. Ele é, por exemplo, o homem que definiu, nos livrinhos da marcante coleção Primeiros Passos, "O que É Arquitetura" e "O que É Patrimônio Histórico".

Mas, ainda antes da série da Brasiliense, desde o fim dos anos 1950, ele tem praticado, com discurso claro, a defesa dos "bens da cultura material", em artigos como os agora reunidos em "Da Taipa ao Concreto".

Arquiteto (foi braço direito de Niemeyer em São Paulo, capitaneando a construção do Copan) e professor de história da arquitetura da FAU-USP (ainda ativo na pós-graduação), Lemos expressa sua preocupação com a dificuldade do público geral em ver a história não como algo passado, mas como um contínuo.

"É a coisa mais complicada do mundo", diz à **Folha**. "Tem gente que não entende a importância do patrimônio, por que aquilo foi escolhido para ser tombado. As pessoas têm tendência a gostar' do antigo. Mas há coisas importantíssimas de hoje que passam despercebidas, deixam derrubar."

Para o professor, que foi o primeiro arquiteto a atuar no Condephaat (órgão criado em 1968 para proteger o patrimônio em São Paulo), dois aspectos contribuem para a percepção falha de que a construção da memória é um processo cotidiano.

Um é o que ele chama "fatalidade americana": o fato de que a população do continente se compõe, até hoje, de ondas de migração distintas. "Imigrantes diferentes pensam diferente, têm saudades diferentes, têm juízos de valor diferentes."

O outro se origina, ironicamente, das políticas de preservação do patrimônio no país, com a criação, em 1937, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan, hoje Iphan).

"Essa palavra nacional' foi traduzida como brasileiro", explica. Assim, o período entre a taipa colonial e o concreto modernista, aquele da arquitetura eclética de origem italiana que marcou São Paulo entre o século 19 e o 20, teria sido menosprezado pela noção vigente no órgão, apesar da excelência de colaboradores como Lucio Costa (1902-1998).

"Lucio Costa, pessoa extremamente importante da história da arquitetura brasileira, foi partícipe desse desleixo em relação à memória dos imigrantes", lamenta Lemos --que, porém, refuta o saudosismo.

"Tem muita gente exagerada que não entende que o progresso tem de se instalar inclusive nos monumentos. É o continente que se adequa ao conteúdo. Seria uma estultice exigir que uma construção antiga permaneça como era. Ela fica sem uso e, quando não usa, estraga."

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/125504-autor-lembra-que-preservar-nao-e-ser-saudosista.shtml>